

HALTEROFILISMO PARALÍMPICO

RESENHA DE ARTIGO

MARCELO NORONHA¹, LUAN RODRIGUES², TIAGO COSTA³, JOAO VICTOR¹,

GUILHERME NAVES²

^{1 2 3} DISCENTES NO CURSO DE ED.FÍSICA- CENTRO UNIVERSITÁRIO UNIVERSO BELO

HORIZONTE

INTRODUÇÃO

O interesse pelo esporte competitivo vem aumentando expressivamente, e muitos indivíduos têm buscado o sucesso esportivo. No campo do esporte adaptado de alto rendimento, não é diferente. Com o surgimento das paralimpíadas o paradesporto, torna-se uma opção para pessoas com deficiência que se encontram no sedentarismo, na reabilitação, ou na iniciação do esporte adaptado.

O halterofilismo, esporte de levantamento de peso, surgiu pela primeira vez em uma Paralimpíada, no ano de 1964, em Tóquio, e hoje a competição é aberta a todos os atletas com paralisia cerebral, lesões da medula espinal, membros inferiores amputados e “les autres”, que atendam aos critérios mínimos de incapacidade. Contudo ainda são escassos os estudos que avaliam a performance no halterofilismo paralímpico, assim, o presente estudo tem como objetivo analisar o percentual de ativação muscular, em diferentes intensidades na execução do supino reto, nos músculos: peitoral maior, deltóide anterior, serrátil anterior, bíceps braquial e tríceps braquial, em atletas paralímpicos de halterofilismo.

Com o fim da 2ª Guerra Mundial, o grande número de combatentes que sofreram graves lesões corporais tomou conta dos países europeus que participaram do conflito. Essa nova realidade influenciou o início de um trabalho de reabilitação médica e social de veteranos de guerra. São essas as raízes dos esportes paralímpicos, que por meio da prática de atividade esportiva, é possível restabelecer a saúde física e mental do atleta.

A deficiência dos atletas era exclusivamente lesão da coluna vertebral. Até os Jogos de Atlanta (1996), somente os homens competiam. Ao contrário do que possa parecer, a modalidade não depende só de força, mas também de técnica. Tamanho crescimento foi ocasionado pela participação feminina, de competidores amputados, paralisados cerebrais, dentre pessoas com outros tipos de deficiência motora. As regras do esporte são similares às adotadas em competições olímpicas.

METODOLOGIA

A metodologia utilizada no artigo é baseada em uma revisão sistemática da literatura. Foram pesquisados artigos científicos, livros e publicações relacionadas ao tema do estudo, com o objetivo de coletar dados relevantes e atualizados. A revisão sistemática segue um protocolo pré-definido, com critérios de inclusão e exclusão dos estudos analisados. Os artigos selecionados passaram por uma avaliação de qualidade e relevância, garantindo a confiabilidade dos resultados. Além disso, foram utilizadas técnicas estatísticas para analisar os dados coletados e identificar padrões ou tendências. Isso permite uma interpretação objetiva dos resultados e uma conclusão fundamentada.

A metodologia também inclui uma análise crítica dos estudos selecionados, levando em consideração as limitações e vieses possíveis. Isso contribui para uma avaliação mais completa e precisa do assunto em questão. Em resumo, a metodologia do artigo é baseada em uma revisão sistemática da literatura, com critérios de seleção e avaliação de qualidade, além do uso de técnicas estatísticas para análise dos dados. Isso garante a objetividade e confiabilidade dos resultados obtidos.

RESULTADO E DISCUSSÃO

O halterofilismo Paralímpico é disputado em prova única em que o desempenho no exercício supino reto é avaliado. Uma técnica apurada é válida, segundo as regras oficiais da modalidade,requer um deslocamento uniforme da barra durante a fase concêntrica do movimento,quando os braços devem se mover em tempo e velocidade semelhantes. A estreia da modalidade ocorreu em Tóquio em 1964, onde somente homens com deficiência medular podia participar, já a participação feminina da modalidade começou em 1966. As categoria de peso masculino iniciam em 49 kg e vão até 107kg, já no feminino inicia 41 kg e vai até 86 kg.

No halterofilismo os atletas permanecem deitados em um banco, e executam um movimento conhecido como supino. A prova começa no momento em que a barra de apoio é retirada – com ou sem a ajuda do auxiliar central – deixando o braço totalmente estendido. O atleta flexiona o braço descendo a barra até a altura do peito. Em seguida, elevam-na até a posição inicial, finalizando o movimento. Hoje, competem atletas com deficiência física nos membros inferiores ou paralisia cerebral. As categorias são subdivididas pelo peso corporal de cada um. São dez categorias femininas e dez masculinas. O atleta pode realizar o movimento três vezes, o maior peso é validado. Os árbitros ficam atentos a execução contínua do movimento e a parada nítida da barra no peito. No Brasil, a modalidade é organizada

pelo Comitê Paraolímpico Brasileiro através da Coordenação de Halterofilismo, atualmente ocupada pelo Prof. Antônio Augusto Ferreira Júnior. É a única modalidade em que os atletas são categorizados por peso corporal, como no halterofilismo convencional. São elegíveis para competir atletas amputados, lesões com limitações mínimas, atletas das classes de paralisia cerebral e atletas das classes de lesões na medula espinhal. Os competidores precisam ter a habilidade de estender completamente os braços com não mais de 20 graus de perda em ambos cotovelos para realizar um movimento válido de acordo com as regras.



CONSIDERAÇÕES FINAIS

O artigo "Halterofilismo paraolímpico: relação com o halterofilismo convencional, deficiências e características" apresenta algumas qualidades, mas também tem algumas limitações e aspectos que poderiam ser melhorados. Uma das qualidades do artigo é a introdução, que fornece um contexto histórico adequado sobre a origem do halterofilismo paralímpico após a Segunda Guerra Mundial. A relação com o halterofilismo convencional também é bem explicada, mostrando como as duas modalidades se assemelham e diferem.

A fundamentação teórica é satisfatória, com uma revisão da literatura que aborda artigos, teses e materiais da internet. No entanto, seria benéfico incluir referências mais atualizadas, considerando que o estudo foi realizado em 2011. A metodologia é descrita apenas superficialmente, mencionando a revisão de literatura realizada. Seria útil incluir informações sobre os critérios de seleção dos materiais e a forma como foram analisados. Além disso, a falta de informações sobre a amostra de materiais revisados limita a confiabilidade dos resultados.

Os resultados mencionados no artigo abordam a promoção da reabilitação e reinserção social de pessoas com deficiência, bem como a criação do primeiro centro de treinamento de halterofilismo paraolímpico no Brasil. No entanto, seria interessante se o artigo apresentasse detalhes sobre como esses resultados foram alcançados e quais impactos eles tiveram no campo do halterofilismo paralímpico.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. DEFINO, H.L.A. Trauma raquimedular. Medicina, Ribeirão Preto, 32: 388-400, out./dez. 1999.
2. DOMINGUES, R.C. Estudo da Competência Física, da Identidade Atlética, da Autoestima em Atletas com Deficiência Motora. Universidade de Coimbra, Coimbra, Brasil, 2008.
3. LEITE, J.M.R.S.; PRADO, G.F. do. Paralisia Cerebral Aspectos Fisioterapêuticos e Clínicos. Revista Neurociências. Universidade Federal de São Paulo - Escola Paulista de Medicina, São Paulo, Brasil.
4. PARAOLIMPIADAS. História das Paraolimpíadas. Disponível em: <http://www.paraolimpiadas2004.kit.net/historia.htm>. Acesso em: 20 de ago. 2011.